

# Legados de Saussure para a Análise do discurso: reflexões sobre a história da Lingüística\*

Carlos Piovezani

Professor do Departamento de Letras da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM). CEP 14.800.901 – Campo Mourão / PR.

[cpiovezani@terra.com.br](mailto:cpiovezani@terra.com.br)

**Abstract.** *Which is the place of the Linguistics, or more specifically, which is Saussure's place in the formation of the Discourse Analysis (AD) as well as in its development? Before giving a brief answer to that question, and having in mind Michel Pêcheux's group's readings about the Course in General Linguistics, we will show some of its contingencies and then some possible responses for it. We will also consider the emergency of this matter and the reasons of its formulation. In an attempt to understand some aspects of Saussure's reception by the DA ones, we will use discursive values and the contributions of the French linguistics historiography.*

**Keywords.** *Saussure, Discourse Analysis, Linguistics historiography.*

**Resumo.** *Qual o lugar da Lingüística e, mais particularmente, de Saussure na constituição e nos desenvolvimentos da Análise do discurso? Com vistas a refletir sobre a leitura que o grupo em torno de Michel Pêcheux fez do Curso de Lingüística Geral, exporemos algumas contingências dessa questão e examinaremos algumas das possíveis respostas que a ela poderiam ser dadas, considerando as condições de sua emergência e as razões de sua formulação. No intuito de compreender certos aspectos da recepção de Saussure pela AD, recorreremos a princípios discursivos e a contribuições da Historiografia lingüística francesa.*

**Palavras-chave.** *Saussure; Análise do discurso; Historiografia lingüística.*

## 1. As contingências de uma questão e outras questões

Em um dos Simpósios do *LV Seminário do GEL*, refletimos sobre a seguinte questão: “A Análise do discurso deixou Saussure sozinho com seu pensamento?”. Antes de formular uma ou algumas respostas possíveis para essa questão, vimo-nos impelidos a elaborar e a, eventualmente, responder outras interrogações: de que AD se trata, nesse caso? De que Saussure estamos falando? Em que consiste ‘deixar alguém sozinho com seu pensamento’? Existe realmente a possibilidade da solidão do pensamento? Acrescentamos, de imediato, que as diversas respostas a serem dadas à primeira questão dependerão daquelas que podem ser formuladas para responder a essas últimas.

Em face de um conjunto bastante heterogêneo de vertentes lingüísticas ao qual se designa, por vezes, sem maiores precisões, Análise do discurso, referimo-nos aqui especificamente aos estudos discursivos derivados dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo. É sobre alguns aspectos das leituras que essa Análise do discurso fez de Saussure que refletiremos em nosso trabalho. Já no que se refere a Saussure, em função do espaço, do tempo e do campo a serem considerados (respectivamente, o

estruturalismo francês, as décadas de 1960/70 e a AD), estabelecemos uma correspondência relativamente arbitrária entre seu nome e o *Curso de Lingüística Geral*, em detrimento das atribuições da novidade e da verdade do pensamento saussuriano supostamente contidas de modo exclusivo em suas fontes manuscritas.

Para os iniciados no domínio da AD, a questão-título do Simpósio remete a um texto de Pêcheux (*Sur la (dé-) construction des théories linguistiques* [1982]), que, por seu turno, refere-se a uma conferência de Benveniste (*Saussure après un demi-siècle* [1963], proferida em Genebra, por ocasião do quinquagésimo aniversário da morte de Saussure. Enquanto Benveniste afirma que Saussure foi o precursor da Lingüística moderna, de modo que todos os lingüistas que o sucedem devam-lhe algo (cf. Benveniste, 1995, p. 34), Pêcheux sustenta que os postulados saussurianos não foram devidamente respeitados e desenvolvidos pelas diversas correntes lingüísticas do século XX (cf. Pêcheux, 1998, p. 8 e seguintes). Antes de passarmos às considerações sobre as condições de possibilidade da questão “A AD deixou Saussure sozinho com seu pensamento?” e sobre as finalidades de sua formulação, tomemos o posicionamento de Benveniste e de Pêcheux em relação à obra de Saussure, com vistas a refletirmos acerca de certa faceta da história da Lingüística.

A despeito de algumas diferenças significativas, que derivam de suas distintas condições de produção, Benveniste e Pêcheux atribuem a Saussure a instauração dos “fundamentos” da Lingüística e do “corte epistemológico” efetivado em seu interior, apresentando uma versão endógena da história das ciências da linguagem e usufruindo as prerrogativas dessa versão. Ambos reivindicam o legado de Saussure e situam-se mais ou menos na ascendência de seu pensamento, mas advogam também a necessidade e a capacidade de ultrapassá-lo. Por um lado, conferem a Saussure a emergência da autonomia de um objeto e o advento da positividade científica de uma teoria e de um método; por outro, reclamam a necessidade de se focalizar aquilo que supostamente teria sido excluído das considerações saussurianas, como a “subjetividade na linguagem” e a “ordem do discurso”. Mas a teoria enunciativa de Benveniste e a Análise do discurso de Pêcheux não foram as únicas a adotar esse posicionamento ambivalente. A história da Lingüística dá-nos uma série de outros exemplos.

Entre as décadas de 1950 e 1970, surgiram campos e/ou conceitos no interior da ou em diálogo com a Lingüística: a *Discourse analysis*, de Harris, os *Speech acts*, de Austin, a *Sociolinguistics*, de Labov, a *Textlinguistik*, de Weinrich, a *sémiotique*, de Greimas, a *sémiologie*, de Barthes, a *Ethnography of communication*, de Hymes, entre outros<sup>1</sup>. Cada um a seu modo, direta ou indiretamente, ao contar a própria história de seu surgimento ou ao anunciar a necessidade de sua emergência, tende a reconhecer algumas das contribuições, mas também a afirmar as falhas e lacunas de seus antecessores: Hymes, por exemplo, critica a noção de *competência lingüística*, de Chomsky, e propõe sua substituição pela de *competência comunicativa*. Contudo, parece ser Saussure, mais que Chomsky, o grande herói, mas também o maior vilão e a principal vítima dos ataques infligidos pelas lingüísticas da *fala*, do *texto* e do *discurso*. Se a opção pela *langue*, em detrimento da *parole*, foi amiúde concebida como a circunscrição necessária de um objeto para o estabelecimento de uma ciência autônoma, considerou-se, em contrapartida, que o *corte saussuriano* excluía as unidades transfrásticas, as variedades lingüísticas, o texto, as condições de produção, a história, o sujeito e o sentido (cf. Haroche; Henry; Pêcheux, 1971).

Observamos, freqüentemente, a gênese da teoria saussuriana ser reconstituída no interior da própria Lingüística, sob a forma de uma “descontinuidade” absoluta, instaurada na história desse campo: “On a plus rarement envisagé son engendrement à partir de configurations de savoirs extérieures à la théorie de la langue, de problématiques insoupçonnées, de filiations sourdes, voire à partir des silences de Saussure lui-même.” (Courtine, 2006). Por sua vez, o próprio Saussure, quando apresenta seu *coup d’oeil sur l’histoire de la Linguistique*, afirma que a ciência dos fatos da língua havia passado por “três fases sucessivas antes de reconhecer seu verdadeiro e único objeto”. Era, portanto, já chegado o tempo de a Lingüística “delimitar-se e definir-se a si própria” (Saussure, [1916] 2000, p. 7 e 13).

Além da definição e da delimitação imperativas à Lingüística, Saussure anuncia a necessidade do advento de uma “semiologia”. Seu anúncio será conhecido e difundido pelo mesmo *Curso de Lingüística Geral* que servirá de fundamento para a emergência da Lingüística estrutural. Enquanto esta última conhecerá um rápido sucesso, já no final da década de 1920, no Leste Europeu, a semiologia terá de esperar por volta de meio século para ganhar contornos relativamente definidos, fosse ela designada “semiótica”, como nos trabalhos de Greimas, ou “semiologia”, como nos textos de Barthes. Se as tendências enunciativas, textuais, sociolingüísticas, pragmáticas e discursivas, face às duas faces de Saussure, a do “pai fundador”, que amorosamente possibilitou a concepção da disciplina, e a do “pai censor”, que odiosamente interditou seu pleno desenvolvimento, tenderam a enfatizar as interdições e as exclusões saussurianas, a despeito do reconhecimento de suas conquistas científicas, a semiótica e a semiologia parecem ter realçado a fundação e a sua filiação a ela, embora tenham proposto várias ampliações. Talvez, o contexto em que emergiram esses dois campos de estudos da linguagem estivesse propício à reivindicação da herança de Saussure, o que permitiria, inclusive, a ultrapassagem das fronteiras da Lingüística:

Si la sémiologie concentre ainsi sur elle toute l’intensité de la référence à Saussure (et son ambivalence...), ce n’est pas par hasard, mais bien en raison de la voie qu’a prise la paradigmatization du saussurisme à partir des années 50. Lorsque s’est achevée la réception de Saussure, celle qui avait commencé dans les comptes-rendus du C.L.G. et qui s’était poursuivie, de manière problématique dans l’oeuvre de linguistes isolés ou dans celle de linguistes coalisés en fonction d’intérêts qui dépassaient largement la personne et l’oeuvre du savant genevois, la place devenait libre alors pour une ‘re’-découverte de Saussure au-delà des frontières de la discipline et à travers un certain nombre de personnalités-relais particulièrement et naturellement sensibles à la thématization saussurienne du “sémiologique”. (Chiss; Puech, 1999, p. 62)

De acordo com essa hipótese, a reclamação do legado e a inscrição na ascendência de Saussure, mas também na de Hjelmslev, nada têm de essencialmente pejorativas<sup>2</sup>. Desde as primeiras reações ao CLG, uma série de *topoi* será estabelecida e algumas de suas passagens rapidamente se tornarão clássicas e quase obrigatórias, bastando que se comentasse sua profundidade, alcance e interesse, para que já se começasse a reproduzir uma rememoração legitimante. Do mesmo modo como são constitutivos da produção científica os condicionamentos sociais e institucionais, também o são as filiações teóricas e a formação de uma memória e de um horizonte disciplinar. Trata-se aqui de um duplo movimento discursivo dos campos de saber que promove tanto a tomada de consciência de si e sua auto-representação quanto sua própria constituição, mediante um

trabalho de memória, cujas ambivalências não são contingentes, mas necessárias. O pensamento de Saussure constituiu para a Lingüística e, posteriormente, para algumas Ciências humanas, a partir da segunda metade do século XX, um campo e uma perspectiva de pesquisa, de um lado, e um “domínio de memória” e um objeto de saber a ser transmitido e transformado, de outro (cf. Chiss; Puech, 1999).

Quase totalmente alheia à cronologia, a memória faz lembrar e esquecer, a depender de contingências que lhe são exteriores e de interesses que lhe são intrínsecos. Assim, o presente não herda o passado, mas o constrói à sua maneira. Na história da Lingüística, a obra de Saussure não escapou dessas vicissitudes; antes, ela ressurgiu por várias razões. Cabe-nos começar a refletir sobre seu ressurgimento.

## 2. Causas e fins da questão

Aqui, discorreremos, inicialmente, sobre a irrupção e a produtividade da questão-título do Simpósio e, em seguida, aventaremos algumas respostas possíveis a essa questão, de modo que as perguntas acerca da natureza e da possibilidade de se estar “sozinho com seu pensamento” serão respondidas, ora de um modo mais direto ora de uma maneira relativamente oblíqua, no desenvolvimento de nosso texto. Por essa razão, depois de termos proposto uma restituição da complexidade da questão que nos incita a refletir acerca das interpretações da obra de Saussure realizadas pela AD, passamos agora a avançar uma hipótese sobre as condições de emergência dessa questão e a tentar apresentar uma razão que justifique sua formulação. Em síntese, propomo-nos a responder rápida e provisoriamente as seguintes questões: por que e para que empreendemos um recuo histórico que visa a apresentar certas eventualidades das leituras e das apropriações que a AD fez do pensamento saussuriano?

Fazer história da AD, da Lingüística ou, ainda, dos saberes em geral poderia ser fácil e rapidamente concebido como um gesto que segue o próprio esgotamento do domínio científico que se torna objeto de uma análise histórica. Esse não parece ser o caso da AD peuchetiana, praticada no Brasil, tendo em vista sua progressiva difusão e seu constante desenvolvimento; fato, aliás, que, em certas circunstâncias, provoca também sua banalização. Não se trata, aqui, de formular a referida questão-título para respondê-la, repetindo a versão da história apresentada por um de seus principais protagonistas, mas de tomar essa versão como objeto de reflexão; isto é, ao invés de reiterarmos as representações da leitura que Pêcheux fez da obra de Saussure, buscamos situar essas representações no contexto em que elas foram produzidas<sup>3</sup>.

Sob a égide do princípio de Nietzsche ([1874] 2003), segundo o qual a história deve estar a serviço da vida, nossa investida sobre um passado recente da AD tenta afastar não somente a contemplação de uma “história monumental”, e o conservadorismo de uma “história antiquária”, mas também a rebeldia de uma “história crítica”. Noutros termos, o enfoque histórico sobre um certo aspecto da constituição e dos desenvolvimentos da AD justifica-se, na medida em que ele possibilita i) o reconhecimento do que fora feito, com vistas a identificarmos o que ainda há por fazer; ii) a lembrança de nossas filiações, no intuito de não cedermos à sedução das novidades e aos perigos da lassidão; iii) e o desembaraço das dívidas da pesada hereditariedade, a fim de que possamos ultrapassar alguns limites que já não são mais os nossos. Cremos que, ao proceder desse modo, a história estará a serviço da vida do campo de saber no interior do qual nos inscrevemos e para o qual, inclusive, a história sempre foi (ou deveria ter sido) uma instância incontornável.

A pertinência epistemológica da questão não esclarece suficientemente as condições de possibilidade de seu advento. A partir dos trabalhos de Robert Godel sobre as fontes manuscritas do CLG, em 1957, e das edições críticas do *Curso* (principalmente, as de Rudolf Engler e de Tulio de Mauro), vimos surgir e se fomentar um conjunto de pesquisas filológicas, cujo principal representante parece ser atualmente Simon Bouquet e cuja orientação caracteriza-se por um “retorno a Saussure”, visando a revelar seu verdadeiro pensamento, pretensamente contido em seus manuscritos.

Em que pesem alguns excessos puristas dessa visada filológica, entre os quais destacamos, por exemplo, uma insistente desconsideração das repercussões e do valor estimulante do CLG para a Lingüística e para as Ciências humanas, particularmente no interior do movimento estruturalista francês, da segunda metade do século XX, reconhece-se nela o desempenho de um importante papel: “Incontestablement, ce retour aux sources manuscrites nuance une interprétation trop radicale des dichotomies saussuriennes” (Puech, 2005, p. 97). Acreditamos que, em consonância com a inclinação da AD às reflexões epistemológicas, a emergência dos atuais debates sobre a obra de Saussure tenha contribuído decisivamente para que historiadores da Lingüística e analistas do discurso começassem a refletir sobre as relações entre Saussure e a AD.

No contexto francês, a repercussão da “Note sur le discours”, publicada nos *Écrits de linguistique générale* (Saussure, 2002), tem sido intensa e promovido desde ajustes necessários até anacronismos dispensáveis. Considerando a extensão e a fecundidade dos estudos discursivos no Brasil, não podemos permanecer indiferentes a esse debate. Dessas circunstâncias, derivam a possibilidade e o interesse da questão, aqui, insistentemente repetida, “A AD deixou Saussure sozinho com seu pensamento?”, e das diferentes respostas que podem ser dadas a ela.

### 3. Algumas possíveis respostas

Uma vez que já fizemos alguns breves comentários sobre o advento e a pertinência das discussões em torno das relações entre Saussure e a AD, na história recente da Lingüística, cabe-nos, por ora, retomar a questão central deste nosso trabalho e apresentar algumas das possíveis respostas, considerando os efeitos das variáveis às quais nos referimos acima. Se as respostas podem variar, portanto, conforme focalizemos essa ou aquela AD e/ou esse ou aquele Saussure, *a fortiori*, elas variarão de acordo com quem as produza e com o que se entende por abandono à solidão do pensamento. Assim, à questão “a AD deixou Saussure sozinho com seu pensamento?”, poder-se-ia responder “sim” e/ou “não”, segundo a pertença a um certo campo de saber e a um determinado grupo institucional. *Grosso modo*, talvez pudéssemos conjecturar, a título de exemplo, ao menos, três diferentes respostas:

- a) para **alguns analistas do discurso**, a resposta poderia ser “não”. Para justificar essa sua negativa, esses analistas diriam: “Desde os manifestos fundadores da AD, no final da década de 60 e início da de 70, até seus últimos trabalhos, Saussure sempre foi uma presença constante nos textos de Michel Pêcheux e seu grupo” ou “A AD sempre se debruçou sobre a ordem da língua”. Esses mesmos ou ainda outros analistas poderiam também responder “sim”, caso entendessem que “deixar alguém sozinho” significa ultrapassar suas contradições, “mudar de terreno” e constituir teoria, método e objeto científico, conforme Pêcheux anunciava ter feito em relação a Saussure. Conhecemos a fórmula repisada: “Saussure excluiu o sujeito, a história e o sentido...”;

b) por razões distintas, **alguns partidários de certas correntes lingüísticas e de uma determinada vertente filológica do saussurianismo** (Bouquet, [1997] 2000) responderiam “sim”. Enquanto os primeiros contentar-se-iam em reproduzir certos lugares-comuns, tais como “a AD não tem uma teoria lingüística”, “a AD só trabalha com a ideologia”, “Para a AD tudo é ideológico e o sujeito é assujeitado” etc., os últimos afirmariam que a AD deteve-se apenas no CLG, praticamente ignorando o “verdadeiro Saussure” das fontes manuscritas;

c) já a **Historiografia lingüística francesa** poderia responder “sim” e “não”. “Sim”, pelo fato de que a AD teria desconsiderado alguns aspectos fundamentais do CLG e cobrado de Saussure o que não era próprio de seu tempo, ignorando, por extensão, por exemplo, que no *Curso* há uma certa concepção de história, de sujeito, de sentido etc. Mas a resposta dessa mesma historiografia também poderia ser “não”, visto que ela reconhece que, para a AD, Saussure representa um “corte epistemológico” e a Lingüística consiste num de seus pilares.

Se a sugestão dessas possibilidades de resposta à nossa questão parece começar a lançar alguma luz sobre os reveses que aqui estão em jogo, pensamos ser ainda preciso examiná-las mais de perto para que possamos compreendê-las um pouco melhor. Não nos propomos a dar cabo dessa tarefa aqui; antes, limitar-nos-emos a tentar contextualizar as respostas dadas pelos analistas do discurso, valendo-nos para tanto de contribuições oriundas da Historiografia lingüística.

#### 4. Para começar a entender as respostas

Conforme já adiantamos, as diferentes respostas derivam, evidentemente, das distintas posições dos enunciadores que, por seu turno, são distintos leitores de Saussure. As respostas reunidas em “a” e “b” tratam-se de leituras de diferentes textos do pensamento saussuriano, inscritas em momentos distintos; respectivamente, o CLG, durante os anos 60/70, e as fontes manuscritas, nos anos 90 – ainda que a publicação das *Sources manuscrites*, de Godel, seja de 1957. Já as respostas agrupadas em “c” consistem, ao mesmo tempo, numa leitura de Saussure e numa leitura das leituras de Saussure. Pelo viés historiográfico, busca-se analisar a especificidade da recepção francesa da obra saussuriana, no interior de um campo em que a Lingüística desempenhou um papel fundamental, durante um período de efervescência teórica, cultural e política. Por isso, cremos que a Historiografia lingüística pode iluminar alguns pontos que poderiam permanecer demasiadamente obscuros, caso nos apegássemos demais às versões da história da relação entre Saussure e a AD contadas pelos seus protagonistas ou por seus detratores.

É justamente a Historiografia lingüística, na figura de Puech (2005), que não nos deixa esquecer que a emergência da noção de “discurso” e o advento da própria AD, na França, ocorrem num momento em que se realizava a “terceira recepção” do CLG, em solo francês. O fato de que a Análise do discurso tenha surgido nesse contexto contribuiu decisivamente para promover a leitura que Pêcheux fez da obra saussuriana, quando da concepção dos primeiros textos da AD. Retomemos, rapidamente, as quatro diferentes fases da recepção do pensamento de Saussure, na França (cf. Puech, 2005), no intuito de compreender alguns aspectos dessa leitura:

- A primeira recepção ocorreu já no momento da publicação do *Curso*. Com efeito, a obra não despertou grande interesse e foi considerada, pela maioria dos

lingüistas, demasiadamente especulativa e abstrata, em comparação com o rigor do *Mémoire sur le système des voyelles en indo-européen*. Meillet e Vendryès, entre outros, reprovaram Saussure (e não os editores do CLG, visto que, até a descoberta e a publicação das “fontes manuscritas”, praticamente não se questionava a autoria do *Curso*) pela desconsideração do caráter empírico da língua e, por extensão, da co-variação entre língua e sociedade.

- Já a segunda recepção desenvolveu-se, durante o período entre as duas Grandes Guerras, junto a alguns poucos lingüistas franceses – Brunot, Damourette, Pichon e Guillaume – e não provocou maiores repercussões. Em contrapartida, no Leste Europeu, desde os anos 20, fora dos dois grandes centros de estudos lingüísticos da época, a Alemanha e a França, o CLG, em conjunto com os Manifestos do Círculo lingüístico de Praga, tornou-se “un texte stratégique pour la ‘périphérie’ à la conquête des institutions centrales”; sabemos, contudo, que “les points de contact avec la France dans cette diffusion des idées saussuriennes ne se feront que par quelques individus isolés” (Puech, 2005, p. 96).
- Depois do final da Segunda Guerra Mundial, acontece a terceira recepção. O pensamento de Saussure extrapola o domínio relativamente restrito dos círculos lingüísticos. O CLG torna-se, na França, principalmente a partir da década de 50, uma leitura fundamental não apenas para lingüistas, mas também para antropólogos, sociólogos, filósofos, psicanalistas etc. Somente depois de aproximadamente 40 anos de sua publicação é que o CLG se tornaria uma obra amplamente lida (leitura, aliás, freqüentemente intermediada pelas interpretações de Jakobson e de Hjelmslev, por exemplo) no contexto francês.
- A quarta recepção dá-se com a descoberta e publicação das fontes manuscritas. Conforme mencionamos, a partir das fontes manuscritas e das edições críticas do CLG, iniciou-se na França, desde os anos 1990, um conjunto de trabalhos filológicos que se debruça, principalmente, nos textos saussurianos acerca das lendas germânicas e dos anagramas da poesia latina e cujos fins consistem basicamente no retorno a Saussure, visando a enfim revelar o seu verdadeiro pensamento.

Se o esboço dessas diferentes fases da recepção do CLG peca por uma demasiada simplificação<sup>4</sup>, ele tem o mérito de ressaltar o caráter compósito da circulação e da apropriação do pensamento de Saussure na França:

Ces quatre phases trop schématiquement dégageées ici visent seulement à souligner la complexité de la réception de Saussure en France. Malgré les presque dix années de d’enseignement de Saussure à Paris, malgré l’influence très forte qu’il a exercée sur ses auditeurs à l’Ecole Pratique des Hautes Etudes (de 1882 à 1889), les idées du *Cours* a) sont restées longtemps marginalisées, b) n’ont connu un regain d’intérêt que très tardivement (après la seconde guerre mondiale et dans le contexte du ‘structuralisme généralisé’ où elles ont été ‘amplifiées’ et connues par de multiples truchements), c) et enfin n’ont donné lieu que très tardivement à une enquête sur la “vraie pensée” de Saussure à travers les différents manuscrits disponibles. (Puech, 2005, p. 97)

A concepção da “ordem do discurso” e o empreendimento de uma AD, durante os anos 60/70 na França, estabelecem um diálogo complexo com Saussure e com o

estruturalismo, sem que lingüistas ou analistas do discurso tenham freqüentemente se preocupado em estabelecer (ou mesmo percebido) as diferenças entre o pensamento saussuriano e o projeto estruturalista. No caso da emergência da Análise do discurso francesa, trata-se, ao mesmo tempo, de uma continuidade reativa e legitimadora e de uma vontade de recusa e ultrapassagem, sob a forma de uma transposição além do domínio estrito da língua e de uma extensão em direção à história e ao sujeito do discurso.

Acreditamos que Saussure ou, antes, que as leituras da obra saussuriana consistem num viés interessante, por meio do qual podemos tentar compreender alguns desenvolvimentos históricos das ciências da linguagem de nossos dias. Desse modo, torna-se possível apreender alguns fatores e fenômenos em torno das identidades e diferenças instauradas no movimento estruturalista francês da década de 1960, no interior do qual surgiu a AD. No que concerne às identidades, ou seja, às representações comuns desse estruturalismo acerca do pensamento de Saussure, tendem a se destacar o reconhecimento do “corte epistemológico” e a fundação da Lingüística moderna, por um lado, e a identificação, recusa e proposta de superação das “exclusões” saussurianas, por outro. Possivelmente, uma das razões dessas representações seja a “leitura filtrada”, que se realizou naquele momento, por intermédio da qual as célebres dicotomias do *Curso* foram expostas e enrijecidas.

Seguindo Chiss e Puech (1997), aventamos ainda um outro fator para que isso tenha ocorrido. É praticamente um consenso que durante os anos de 1960, no estruturalismo francês, viveu-se o apogeu da Lingüística: ela teria sido a “ciência piloto” entre as Ciências humanas e oferecido para essas últimas um modelo de cientificidade. Assim, toma-se freqüentemente como dado o que, de fato, poderia ser posto em causa. Pensamos ser possível, diferentemente dessa interpretação amiúde admitida, segundo a qual se considera esse período como o “império da Lingüística”, conceber esse momento como o “reino da interdisciplinaridade”, uma vez que as abordagens constantemente conjugavam os saberes: Lingüística e Antropologia, Lingüística e História, Lingüística e Psicanálise, Lingüística e Sociologia etc. Reside, aqui, aliás, um paradoxo: essa conjunção de saberes apóia-se numa obra, a saber, o CLG, que fora produzida, visando essencialmente à autonomia disciplinar da Lingüística. Parece-nos ter sido a partir dessa configuração interdisciplinar que, por razões conceituais, ideológicas e institucionais, reiteraram-se as supostas exclusões do CLG.

Já no que respeita às diferenças forjadas e desenvolvidas no seio do estruturalismo francês, é preciso considerar que elas derivam da própria heterogeneidade desse movimento intelectual, tornando problemática sua própria designação no singular. Entre os anos de 1950 até 1970, surgiram diferentes estruturalismos: um “estruturalismo científico”, cujos principais representantes seriam Lévi-Strauss, Greimas e Lacan; um “estruturalismo semiológico”, com Barthes, Kristeva, Todorov e Serres, por exemplo; e um “estruturalismo historicizado”, em que se enquadrariam Althusser, Bourdieu e Foucault, entre outros (cf. Dosse, [1991] 1993, p. 16-17). Mas, às diferenças entre esses grupos, poderíamos somar os distintos projetos que se abrigavam em seu interior e, ainda, as singularidades individuais que esses grupos comportavam. Apesar de algumas invariâncias, Saussure não foi lido do mesmo modo pelos diversos estruturalistas, nem tampouco teve a mesma importância na fundamentação de suas diferentes abordagens.



Com vistas a suspendermos temporariamente nossa reflexão, limitar-nos-emos a um rápido comentário referente a dois pensadores incontornáveis na Análise do discurso, quais sejam, Pêcheux e Foucault. Na esteira de Cruz (2005), diríamos que, por diversas razões, enquanto a obra de Saussure é essencial no projeto de Pêcheux, para Foucault ela parece ser apenas contingente. Se nos restringirmos a Pêcheux, observaremos que, nas reformulações da AD empreendidas por ele e pelo grupo ao seu redor, do final dos anos de 1960 até o início da década de 1980, a leitura que se fez de Saussure alterou-se consideravelmente: em seus primeiros textos, Pêcheux lia o CLG e enfatizava a necessidade de superar suas exclusões; já nos últimos, ele refere-se às fontes manuscritas e sublinha a necessidade de debruçar-se sobre a “ordem da língua”. A história dessas diferentes leituras já está sendo feita por outrem e alhures; fiquemos à espera de seus resultados.

### Notas

\* Agradeço imensamente a Marcio Alexandre Cruz, fino conhecedor da Historiografia lingüística e da presença da obra de Saussure na constituição e desenvolvimentos da Análise do discurso. Meu texto deve muito às nossas discussões e à leitura de seu trabalho. Sublinho ainda que uma versão modificada deste texto foi publicada na Revista *Alfa*, v. 52, no. 1, 2008.

<sup>1</sup> Esta relação de domínios e noções não se pretende exaustiva, não se preocupa em ser fiel a uma cronologia estrita nem tampouco atribui exclusivamente aos nomes próprios que os seguem sua paternidade individual. Para nos limitarmos a dois exemplos que inviabilizariam tanto a cronologia quanto a exclusividade precursora, poderíamos pensar numa certa “sociolingüística” russa (em Nikolai Marr e no Círculo de Bakhtin) ou numa espécie de “teoria da enunciação” *avant la lettre*, em Charles Bally.

<sup>2</sup> Cortina e Marchezan não reivindicam para a semiótica greimasiana uma filiação simples e direta de Saussure. Discorrendo sobre a “herança saussuriana e hjelmsleviana”, os autores esclarecem que, apesar de seguir e aprofundar muitos dos princípios de Saussure, a semiótica não se resume a uma sua mera repetição: “A semiótica tem, assim, suas preocupações já situadas no Curso de Lingüística Geral, embora seus procedimentos metodológicos não constituam uma transposição do modelo saussuriano do signo lingüístico, uma vez que consideram não os sistemas de signos, mas os processos de significação; para tanto, já na sua trajetória inicial, com Semântica estrutural, a semiótica acompanha as propostas de Hjelmslev.” (2004, p. 396).

<sup>3</sup> Nesse sentido, nosso trabalho incorpora uma série de contribuições da Historiografia lingüística francesa (Chiss; Puech (1997 e 1999), Normand (2000), entre outros) e reitera questões e hipóteses elaboradas por Cruz (2005) sobre a recepção do pensamento saussuriano realizada pela AD francesa.

<sup>4</sup> No intuito de ilustrar a complexidade da circulação e da recepção da obra de Saussure, mencionamos um único exemplo: a heterogeneidade das interpretações do CLG feitas pelos pensadores russos, na década de 1920. Enquanto os membros do Círculo lingüístico de Moscou (entre os quais se encontravam Spet, Jakobson e Tynianov) acolheram favoravelmente o pensamento saussuriano, os componentes do Grupo de São Petersburgo (Bakhtin, Volochinov, Jakubinski, entre outros) refutaram-no, alegando seu descaso para com a dimensão social das interações lingüísticas (cf. Ageeva, 2007).

### Referências bibliográficas

- AGEEVA, Inna. La théorie de Saussure à travers sa réception dans les années 1920-30 en Russie. 2007. Comunicação oral (*Colloque International Révolutions Saussuriennes*). Université de Genève, Genebra. (manuscrito xerocopiado)
- BENVENISTE, Émile. Saussure após meio século. In: BENVENISTE, Émile. Problemas de lingüística geral I. 4ª. edição. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1995. p. 34-49.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo, Cultrix, 2000.
- CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. *Fondations de la linguistique. Études d'histoire et d'épistémologie*. Bruxelles: Ducolot, 1997.
- CHISS, Jean-Louis; PUECH, Christian. *Le langage et ses disciplines*. (XIXe-XXe siècles). Bruxelles: Ducolot, 1999.
- CORTINA, Arnaldo; MARCHEZAN, Renata Coelho. Teoria Semiótica: a questão do sentido. In: BENTES, Ana Cristina; MUSSALIN, Fernanda. (Org.). Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 393-438.
- COURTINE, Jean-Jacques. Saussure chez les spirites. À la recherche de l'inconscient linguistique. 2006. Conferência (*Ciclo de palestras* do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. (manuscrito xerocopiado).
- CRUZ, Márcio Alexandre. *L'école française d'Analyse de discours et le saussurisme: rupture ou continuité?* 2005. 147 f. Mémoire (DEA de Sciences du langage). Université de Paris III/ Sorbonne Nouvelle, Paris.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Vol. I. O campo do signo. São Paulo: Ensaio; Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne: langue, langage, discours. *Langages*, Paris, n. 24, p. 93-106, 1971.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- NORMAND, Claudine. *Saussure*. Paris: Belles Lettres, 2000.
- PÊCHEUX, Michel. Sobre a desconstrução das teorias lingüísticas. *Língua e instrumentos lingüísticos*, Campinas, n. 4/5, p. 7-32, 1998.
- PUECH, Christian. L'émergence de la notion de 'discours' en France et les destins du saussurisme. *Langages*, Paris, n. 159, p. 93-110, 2005.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 22ª ed. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Écrits de linguistique générale*. Texto editado por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.